

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017

trata disso mesmo, um ponto de situação. E a verdade é que mesmo torcendo o nariz a alguns dos filmes apresentados nesta segunda parte, certo é que muitos outros são-no de forma consistente, surpreendendo-nos até a referência a algumas produções onde a Bíblia é, de facto, mais influente do que à primeira vista – ou segunda – poderíamos crer. Mais do que avaliar a qualidade da argumentação, esta segunda parte é relevante por também nos mostrar diferentes métodos, leituras e formas através das quais podemos despistar ou construir teorias sobre as diferentes influências presentes numa produção cinematográfica.

O livro de Adele Reinhartz surge como uma ótima obra para iniciantes, mas também para amantes da história do cinema ou até para historiadores já dedicados ao tema, que encontrarão aqui uma visão sintetizada, mas abrangente, das variadas ramificações possíveis e do quão profundos são os impactos diretos e indiretos da Bíblia e de como as suas passagens podem ser reinterpretadas e readaptadas das mais variadas formas. O livro alerta-nos que há produções onde pouco ou nada é posto no ecrã de forma gratuita ou sem um propósito, mesmo que este passe despercebido, característica que acaba por dificultar a divisão entre o que pode ser olhado como uma receção e o que não deve sê-lo. Podemos olhar para este *Bible and Cinema*, no fundo, como uma imensa rotunda que nos indica os diversos caminhos que podem ser seguidos ou recusados, oferecendo igualmente excelentes indicações para eventuais novos caminhos, graças à diversificada e bem-apresentada bibliografia, para que o interessado, em cada uma destas vias, possa de forma rápida aprofundar leituras e conhecimento.

Filipe Paiva Cardoso

Universidade de Lisboa

MONICA S. CYRINO & MEREDITH E. SAFRAN, eds. (2015), *Classical Myth on Screen*, New York, Palgrave Macmillan, 257 pp. ISBN 978-1-137-49453-5 (Hardcover: 83.19€; Paperback: 72.79€; Digital: 66.99€).

A obra em foco reúne um conjunto de estudos que versa sobre um tema que tem ainda muito por explorar: o da representação da Antiguidade Clássica no cinema, esfera que muitas vezes é ofuscada e desconsiderada em meio académico, visto o cinema estar ainda hoje muito associado à expressão popular e, por extensão, à depuração de conteúdo intelectual para rápido consumo. Esta colecção de ensaios combina a tradição literária greco-romana com a paisagem cinematográfica contemporânea, contempladas mutuamente segundo uma metodologia intertextual de onde se retira, sobretudo, a predominância da temática clássica, em particular da mitologia grega, enquanto tema recorrente no contexto da Sétima Arte desde os seus tempos de origem até hoje.

No que respeita à estrutura escolhida, a obra combina um total de quatro partes, sendo estas organizadas em diferentes tópicos: «The Hero's Struggle», «Fashioning the Feminine», «Negotiating the Cosmic Divide» e «Cinemyth-Making». No *corpus* documental constam 31 filmes, datando o mais antigo de 1927 e o mais recente de 2014, e 5 séries televisivas, ao todo distribuídos por 17 ensaios, contando com o mesmo número de autores. As quatro partes que compõem a obra obedecem a uma estrutura de investigação do tipo indutiva, na medida em que a análise da temática clássica no cinema

é esquematizada do particular para o geral, sendo os primeiros dois capítulos voltados em separado para o homem e a mulher clássicos e os dois últimos capítulos subordinados a panorâmicas mais gerais, mas não menos complexas, dos deuses olímpicos e de novas mitologias criadas a partir das reconfigurações do herói mitológico no cinema.

Na formulação dos textos, a metodologia aplicada é, no geral, muito similar em todos os estudiosos. Os autores começam com uma breve introdução ao tópico do ensaio, encadeando-o com o tema clássico e o estudo de caso. Seguem por partes, ora citando fontes antigas, conjugando-as com a diegese cinematográfica, ora identificando pontos dissimilantes entre mito e quadro cinematográfico. De um modo geral, as conclusões fazem um levantamento das principais questões abordadas no decorrer do texto principal, para serem rematadas por uma cogitação que é mais ou menos comum a todas elas: a reinvenção do mito ao abrigo da lente cinematográfica não descarta o virtuosismo do seu referente clássico, antes estimula o florescimento de um renovado interesse pelo universo greco-romano em contexto hodierno, e proporciona novas interpretações à narrativa mitológica que muitas vezes é tida como cânone fixo, quando na verdade, reportando à sua época de concepção, sabe-se ser reconfigurada e reinterpretada à luz da permeabilidade de *ethos* e *pathos* associados aos tratediôgrafos e à fertilidade da imaginação e criatividade que neles corria.

A obra textual abre com uma epígrafe introdutória, recheada de breves explicações sobre as razões que motivaram a escolha da temática, tão pertinente e urgente nos dias que correm, à qual se junta uma súmula descritiva do *corpus* de estudo cinematográfico.

A primeira parte, «The Hero's Struggle» assenta numa abordagem a cinco dos principais heróis que compõem o vasto universo trágico-mitológico da Antiguidade clássica: Aquiles, Heitor, Filoctetes, Édipo e Orfeu. Neste capítulo, o leitor depara com o herói mitológico em reciprocidade com o herói cinematográfico, ao nível da metanarrativa e dos contextos que estruturam o filme. O referente clássico, camuflado no protagonista contemporâneo, é descortinado por meio das múltiplas alusões feitas ao mito de origem, reportando e evocando o herói clássico. Os textos tratam problemáticas que são bem evidenciadas pela intercalação do mito com o arquétipo cinematográfico. Ao longo da leitura, os heróis cinematográficos confrontam-se com questões ontológicas. São estas: isolamento, perda de identidade, fatalidade do destino, a acrescentar-se também as transformações de carácter, subjectividade de percepção e limitação do conhecimento humano – todas estas leituras subjacentes ao quadro mitológico e muito bem fundamentadas nas investigações com recurso às fontes antigas. Uma palavra especial para o primeiro e o último ensaios. No primeiro, «“Italian Stallion” Meets “Breaker of Horses”: Achilles and Hector in *Rocky IV* (1995)», ideologias democrático-capitalista e comunista são analisadas lado a lado, com método e rigor; no filme, um literal e figurativo jogo de forças desempenhado por pugilistas, metaforicamente realocado ao contexto mitológico da guerra de Tróia. No último texto, *The Adjustment Bureau* (2011) é desconstruído pela alegoria ao mito de Orfeu. O filme, espaço de reconfiguração do papel da mulher enquanto figura central na reconstituição da identidade masculina, é um aspecto que podia ter sido aprofundado.

O segundo capítulo, «Fashioning the Feminine», ocupa-se dos vários tipos femininos que a Antiguidade clássica legou à presente época em diálogo com a representação da figura feminina no panorama cinematográfico dos sécs. XX e XXI. Os autores atribuem especial importância à conceptualização da matriz patriarcal judaico-cristã no contexto social do século XX, de como esta é herdada da tradição clássica e refigurada no arquétipo feminino, traduzido para a tela

cinematográfica. O catálogo de artigos preocupa-se, sobretudo, com problemáticas de subversão do estatuto da mulher na sociedade ocidental e de reconstrução da feminilidade no cinema pela figura-pai, contemplando um variado leque de filmes, desde a película característica de «espada e sandália», ilustrativa do tradicional domínio masculino sobre o feminino em contexto social dos anos 60, até às mais recentes reproduções de heroínas amazónicas no séc. XXI, sem faltar destaque para o tema de Pigmalião, sobre o qual versam duas extensas e rigorosas unidades temáticas dentro deste mesmo capítulo. O terceiro estudo, «The Suspense-Thriller's Pygmalion Complex: Masculine Desire in *Vertigo* (1958), *Les Biches* (1968), and *Body Double* (1984)», faz uma abordagem especialmente metódica ao tema de Pigmalião: problematiza a função da mulher enquanto «objecto» de fixação e perturbação *voyeurista* em contexto opressor masculino.

Segue-se a parte III, de nome «Negotiating the Cosmic Divide», no qual são apresentados quatro estudos sobre a causa divina e a sua transposição para o meio cinematográfico. A primeira análise que o capítulo fornece dá testemunho a uma prestigiosa abordagem ao mito de Prometeu e sua desmistificação por detrás da singularidade de *Metropolis* (F. Lang, 1927). No discurso analítico, a concretização visual do ideal romântico é louvável pela associação que o autor estabelece entre os planos divino e terreno através da evocação das façanhas de Prometeu. Mas onde sobeja acuidade de reflexão e desembaraço de ideias, falta um pequeno detalhe que se afigura essencial à composição teórica, um contraponto com a estética nacional-socialista da Alemanha nazi, tanto pela associação que é feita pelo autor entre Fritz Lang, sua mulher e Adolf Hitler, como pelo elo distópico que pode estabelecer-se entre Freder, protagonista de *Metropolis*, Prometeu, tão estimado pelo Homem e seu libertador, e Adolf Hitler, que na sua *mania* reporta à figura de criador, dissemelhante pela mente alucinada e pela mortalidade. Esta relação assinala-se indispensável, quanto mais não seja pelo facto de o filme em questão ter sido concebido em plena época de ebulição nazi. O restante capítulo desenvolve-se em torno de disputas de tópicos verdadeiramente inflamáveis na cultura ocidental, compreendendo polaridades entre paganismo e Cristianismo, questões de apropriação cultural da raça negra, assim como a superioridade do monoteísmo sobre o politeísmo olímpico, que os autores deixam claro ser tema privilegiado na cinematografia do século XX, através da qual se promovem valores modernos, reconfigurando-se o passado divino à paisagem hodierna, e se invoca o deicídio.

No quarto e último capítulo, «Cinemyth-Making», é feita uma reflexão do modo como os deuses/heróis clássicos têm inspirado as audiências hodiernas e como estes se imiscuem na sociedade levando em conta as transformações contemporâneas que permeiam o tecido cultural e o modo como os temas sobre que versam os filmes são eleitos. O cuidado na análise é redobrado no que diz respeito às interpretações dos paradigmas sociais e ao modo como estes pré-configuram o argumento dos filmes e, ao mesmo tempo, se apropriam e modelam o deus/herói grego para que o espectador possa, de melhor maneira, simpatizar com os valores por ele disseminados e estabelecer uma cumplicidade mútua ao nível da metafísica da experiência, levada a cabo na mística sala de cinema. O estudo «Dionysus Comes to Gotham: Forces of Disorder in *The Dark Knight* (2008)» discute com boa lucidez o Dioniso moderno na personagem de Joker: a rejeição dos seus actos alucinados e descomedidos na sociedade actual traduzidos na personagem anti-heróica que desafia ordem e códigos morais do espírito hodierno. O autor sublinha que, no contexto de origem, Dioniso actua de acordo com o *Zeitgeist* praticado na mitologia. Apurada a reflexão de que na cinematografia de hoje o herói «torna-se», por oposição à mitologia grega na qual o herói nasce pré-determinado, subordinado ao designio

divino, este sistema de valores vem precisamente subverter o domínio politeísta da Antiguidade e configurar o destino nas mãos do homem comum.

A título de reparo, referir-se-á algumas críticas de somenos importância à colectânea de textos. A primeira lacuna, certamente a considerar no aspecto gráfico, é obviamente a depuração visual na obra. Apesar de cada ensaio conter um fotograma (ressalte-se uma selecção menos airosa do monocromático preto e branco) retirado de um filme, escolhido de modo aleatório por cada autor, a obra peca pela falta de imagens elucidativas das películas que analisa, detalhe este que podia ter sido evitado ao rematar-se o livro com um apêndice de imagens ilustrativas, mas que em nada compromete a excelência e rigor do conteúdo dos textos de análise. Far-se-á, ainda, um outro reparo à disposição dos filmes em cada capítulo, disposição essa feita sem consideração por uma articulação cronológica das películas, o que torna a leitura um tanto dispersa e confusa. Mais proveitoso seria se tivesse sido dada preferência a uma metodologia diacrónica de análise dentro de uma das 4 partes que compõem a obra. Reconsidere a leitura da obra aquele a quem não aprouverem revelações de enredo, já que os textos nela contidos expõem os filmes que trata na mais pormenorizada completude.

A recepção da Antiguidade no cinema é matéria que tem preocupado os teóricos sobretudo nas últimas décadas. Por ser um tão complexo e prazeroso domínio, os estudos de cinema têm gerado excelentes reflexões e incitado à intertextualidade para uma maior compreensão de toda uma panóplia cinematográfica, em especial do Mundo Antigo. A obra *Classical Myth on Screen* é sintomática desse conjunto estímulo, pelo que se traduz numa fabulosa crónica de conhecimento e num excelente contributo para o estudo do cinema e da mitologia no ecrã. O impecável texto enxuto e sem excesso de floreios é notavelmente o reflexo de extensas horas de empenho e investigação, honrando o papel do filme como *medium* que leva a cabo a materialização visual da palavra e da tradição da literatura clássica na sociedade de hoje.

Sílvia Catarina Pereira Diogo

Universidade de Lisboa

BARBARA RYAN & MILETTE SHAMIR, eds. (2016), *Bigger than Ben-Hur. The Book, Its Adaptations, & Their Audiences*, Syracuse, New York, Syracuse University Press, 269 pp. ISBN: 978-0-8156-3403-4 (Hardcover: \$65.00; Paperback: \$34.95).

Depois de o célebre romance de Lew Wallace, *Ben-Hur. A Tale of the Christ*, publicado em 1880, ter sido estudado sobretudo nas suas formas adaptadas, nomeadamente ao cinema, tópico de que o muito recente estudo de J. Solomon, *Ben-Hur: the Original Blockbuster* (2016) é um dos melhores exemplos, chega-nos agora às mãos este extraordinário conjunto de trabalhos, que se centram não apenas nos filmes, mas também no romance de base, bem como na sua recepção e outros tipos de adaptações, do teatro aos produtos de *merchandising*.

Apesar de muitos académicos considerarem o romance que deu origem a Ben-Hur um dos piores alguma vez escritos nos EUA, o facto é que a fortuna e o êxito que personagem e argumento tiveram na História da Cultura Popular é tal que seria no mínimo pouco ético ignorá-la. Só para